

PREFÁCIO

Tenho três bons motivos para estar satisfeito ao escrever o prefácio deste livro, que derivam da participação trifacetada que tenho neste projeto.

Em primeiro lugar, cabe destacar a iniciativa do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia (PPGARq), com sede no Museu e Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), de publicar, como livro (série *Suplementos* da Revista de Arqueologia e Etnologia, também sediada no MAE), um estudo (tese ou dissertação) de grande qualidade defendido no âmbito do Programa. O projeto deriva da constatação de que todo ano trabalhos de excelência em Arqueologia são defendidos nesta casa, dentre os quais pouquíssimos aparecem depois disponíveis na forma de publicações amplamente acessíveis. Trata-se, assim, de uma iniciativa que visa dar a conhecer pelo menos alguns dos estudos recentes de arqueologia produzidos neste Programa de Pós que trazem substancial contribuição para a arqueologia brasileira e do exterior. Não é exagero dizer que para muitas regiões do Brasil nossos alunos e professores vêm “mudando a cara” da arqueologia regional e macrorregional. Dar todo este conhecimento a público faz-se, portanto, necessário.

O processo seletivo do trabalho a ser publicado, feito de maneira bastante imparcial por meio de uma banca avaliadora de três membros, dois dos quais externos ao Programa, resultou na escolha da tese de Doutorado de Lucas Bueno, ora publicada. É importante lembrar que a escolha envolveu seis outros trabalhos de excelente qualidade; qualquer um deles é, sem dúvida alguma, merecedor de vir a público como livro. Esperemos que esta iniciativa do Programa se mantenha nos próximos anos.

Em segundo lugar, tenho também a grata satisfação de ter sido o orientador da tese de Doutorado aqui publicada. O trabalho foi bastante difícil e extenuante, no campo tocan-

tinense e no laboratório do MAE. A orientação, no entanto, foi muito agradável, pois ao longo de cerca de seis anos de colaboração conjunta vi um aluno aplicado e disciplinado, com aquela curiosidade e sede de aprender que caracteriza os grandes pesquisadores, sempre pronto para as intermináveis discussões em torno dos objetos líticos e sempre atualizado com a bibliografia mais recente. De fato, seu crescimento como arqueólogo, desde o estagiário discreto até o autor deste livro, é realmente enorme. E não se trata apenas de inteligência e talento, qualidades que tem de sobra; trata-se, sobretudo, de incontáveis horas passadas no laboratório às voltas com as indústrias líticas, aprendendo a *olhar*, envolvido no diálogo mudo com os utensílios de pedra lascada, testemunhas silenciosas, ainda assim eloquentes, dos comportamentos (corporais, sociais, econômicos...) das sociedades que os produziram e que ocuparam o planalto central brasileiro desde o limiar do Holoceno. Em uma época em que o discursismo fácil e oco vem se tornando um modismo inconseqüente na disciplina arqueológica no Brasil — e quiçá alhures — ousou afirmar que é disso que se sente falta: arqueólogos que saibam pôr a “mão na massa” e produzir, de fato, estudos substantivos e contundentes, mostrando domínio nas artes e métodos que envolvem o *fazer* da disciplina. Isto é o que esperamos desta Pós-Graduação em Arqueologia: formar arqueólogos *de verdade*.

Por fim, mas não menos importante, tive também o prazer de ter dirigido, com minha amiga e parceira de longa data, Erika Robrahn-González, o Programa de Resgate Arqueológico da Usina Hidroelétrica (UHE) do Lajeado, no Estado do Tocantins. Acredito que aquele projeto tenha sido muito eficaz na maneira como foi conduzido, consorciando pesquisa científica de ponta com as necessidades técnicas relacionadas ao resgate do patrimônio arqueológico exposto ao impacto de uma obra de grande porte. Os excelentes resultados, materializados não ape-

nas no relatório final mas, sobretudo, nos cinco estudos acadêmicos produzidos (um dos quais agora se publica), derivam do desenvolvimento do projeto em torno de *temas de investigação*, ao invés dos habituais procedimentos de levantamento e listagem de bens catalogados, parcamente discutidos, que caracterizam a maior parte dos trabalhos deste tipo no Brasil. Acredito que o projeto de resgate arqueológico do Lajeado pode ser considerado um bom exemplo de que sim, é possível fazer boa arqueologia em projetos de contrato, e para isso são necessários não apenas abordagens metodológicas adequadas e uma equipe talentosa, mas também um diálogo

eficiente com o empreendedor. Neste sentido, devemos agradecer à INVESTCO S.A., que depositou confiança no sucesso do empreendimento e colocou os recursos financeiros e estruturais necessários à disposição, algumas vezes mesmo além daqueles estipulados em contrato.

Concluindo, mantenho a expectativa de que o PPGArq mantenha esta iniciativa editorial nos próximos anos, trazendo à luz a melhor produção científica desta casa.

São Paulo, 25 de julho de 2007

Prof. Dr. Paulo DeBlasis
coordenador do PPGArq